

						46
						J

Um dos índios internados em Belém não corre perigo de vida

PAULA SAMPAIO

Os Arawetés internados anteontem no Hospital Universitário Barros Barreto com varicela (catapora) ainda estão em estado grave. Eles permanecem no isolamento do quarto andar, no setor leste, nos quartos três e quatro. Iriopai Hó Araweté, 65, e Moneimodô Araweté, 40, chegaram a Belém sentindo dores e com o corpo tomado pelas lesões características da doença.

A médica Joseana Pardal informou que os dois membros da tribo Ipixuna, localizada próximo a Altamira, vieram encaminhados pelo hospital daquele município com infecção respiratória e pneumonia, o que agrava o quadro da varicela. "Como eles não têm anticorpos, apresentam assim estes casos graves". A única hipótese, segundo os médicos, é que um "branco" tenha entrado na aldeia com a doença e contaminado os índios. Os Arawetés foram internados na ala de isolamento por medidas de precaução, mas um deles já está fora de perigo. "Por ser uma doença altamente contagiosa, eles foram encaminhados para o isolamento. Mas quem está mais grave é o Monomeidô, que apresenta escarros hemoptóicos (com sangue), por conta de uma grave pneumonia". Segundo o médico Flávio Almeida ele corre risco de vida.

Os dois deram entrada no Hospital de Altamira no último dia 11, e consta no prontuário do Iriopai Hó que ele já estaria doente há oito dias. Trazidos para a capital pela assistente social Lourdes Maria do Nascimento, da Casa do Índio, Iriopai e Moneimodô chegaram por volta das 18h do dia 13. "Quando vimos na televisão que haviam dois índios com varicela, já sabíamos que eles viriam para cá, porque o nosso hospital é referência em doenças infecto-contagiosas", diz a médica.

Como os dois índios não falam português, vieram duas crianças para fazer as vezes de intérpretes para que eles possam seguir o tratamento corretamente. A presença das duas crianças fez surgir o boato de que haveria também um indiozinho com a doença internado no isolamento da pediatria, mas, segundo a médica Ana Barbosa, o único internamento de indígenas foi do menino M. P. de nove anos de idade, que veio do município de Jacareacanga, no Rio Tapajós. Ele não é da tribo dos Arawetés e chegou ao hospital no último dia 13, encaminhado pela Casa do Índio. "Ele está fazendo os exames para confirmar as suspeitas de tuberculose ganglionar, mas não tem nada a ver com os índios internados com varicela", informou Ana Barbosa. E acrescentou que o estado da criança é normal e que ela se alimenta bem.



Um dos índios internados no Barros Barreto apresenta o corpo devastado pela catapora

Índia que morreu ficou sete dias no hospital

Segundo o administrador da Funai em Altamira, Benigno Pessoa Marques, a índia da tribo Araweté de 60 anos que morreu na última segunda-feira vítima de septicemia foi internada no hospital do município dia 2 deste mês, onde ficou durante sete dias, até ter alta. A chefe daquele distrito sanitário indígena, administrado pela Funasa, Tereza Fialho disse a O LIBERAL que a paciente teria se recusado inicialmente a deixar a aldeia, sendo transferida para o mesmo hospital somente no sábado 11.

Na versão apresentada por Benigno, que disse ter confirmado os registros do hospital, a índia teve alta no dia 9 e foi para a Casa do Índio. Dois dias depois voltou a ser internada, pela segunda vez e não pela primeira como teria dito a diretora da Funasa. A índia faleceu no dia 12.

O diretor da Funai afirmou ainda que o único a recusar-se a sair da aldeia foi o índio Manemeidor, que está em tratamento agora em Belém. "Eu fui pessoalmente no sábado à aldeia Ipixuna e consegui a

transferência do índio para Altamira, de avião".

Benigno disse que vai informar o Procurador da República Felício Pontes em Belém sobre o que aconteceu. "A meu ver, a diretora está tentando esconder a realidade dos fatos para não assumir a responsabilidade pela morte da índia", disse ele. Felício Pontes e outra procuradora, Deborah Duprat, pediram a abertura de inquérito policial para apurar o atendimento aos índios de Altamira.